



EXPOSIÇÃO
**COMO (...) COISAS
QUE NÃO EXISTEM**
UMA EXPOSIÇÃO A PARTIR DA
31ª BIENAL DE SÃO PAULO
02 OUT 2015 – 17 JAN 2016

Juan Pérez Agirregoikoa, Yael Bartana, Anna Boghiguan, Johanna Calle, Tony Chakar, Chto Delat, Contrafilé & Sandi Hilal & Alessandro Petti, Danica Dakić, Etcétera & León Ferrari, Nilbar Güreş, Clara Ianni & Débora Maria da Silva, Voluspa Jarpa, Edward Krasinski, Graziela Kunsch & Lilian L'Abbate Kelian, Mark Lewis, Ana Lira, Gabriel Mascaró, Virginia de Medeiros, Cildo Meireles, Éder Oliveira, Bruno Pacheco, Agnieszka Piksa, Armando Queiroz & Almires Martins & Marcelo Rodrigues, Walid Raad, Juan Carlos Romero, Wilhelm Sasnal, Qiu Zhijie

Esta exposição tem como ponto de partida a 31ª Bienal de São Paulo inaugurada há pouco mais de um ano. Inclui obras que nela foram exibidas e muitas realizadas especialmente para a Bienal. A relação entre a Bienal de São Paulo e esta exposição no Porto não é uma relação de repetição ou reconstrução. A mudança de local altera quase tudo, do contexto à forma das obras de arte. O que se vê aqui no Museu de Arte Contemporânea de Serralves fala por si e mostra as preocupações da Bienal numa forma renovada a um público europeu.

O título de ambas as exposições é: **Como (falar de) coisas que não existem**, podendo o primeiro verbo ser substituído por muitas outras ações relevantes. Essas coisas que não existem permanecem constantes, porém, como um apelo aos observadores para olharem para além da superfície das obras de arte e do conjunto da exposição. Os curadores e artistas estão interessados no que a arte faz às nossas mentes e imaginações; no modo como ela desperta novas linhas de raciocínio e oferece novas versões da realidade que julgamos conhecer. Essa função da arte, sobretudo nos decenários anos do início do século XXI, parece particularmente urgente. A exposição pergunta como podemos pensar e sentir fora dos limites do ineficaz sistema de valores económicos, políticos e culturais que vemos à nossa volta.

As coisas que não existem são tanto os valores que o sistema nos impõe como as possibilidades alternativas que os artistas procuram inventar nesta exposição. Reconhecer que nenhum desses sistemas – jurídico, político, económico, religioso, artístico – existe numa forma tangível é começar a dominá-los, a eles e à capacidade de efetuar mudanças que de outro modo seriam impossíveis. É esse a oferta

potencial que a arte nos faz e nesta exposição poderão ver os efeitos que esses sistemas de valor exercem sobre o modo como todos nós entendemos o passado, o presente e o futuro.

No espaço da entrada central, duas obras definem o propósito educativo da exposição que consiste em mostrar o que não existe e criar histórias à sua volta (**Qiu Zhijie, Sandi Hilal, Alessandro Petti & Contrafilé, Lilian L'Abbate Kelian & Graziela Kunsch**). Em frente desse espaço, somos confrontados com uma representação mais direta – a figura de um brasileiro do Norte pobre, não-branco, cuja única aparição nos meios de comunicação dominantes é feita nas páginas do extenso suplemento dedicado ao crime dos jornais regionais (**Éder Oliveira**). Essa confrontação entre um ser humano socialmente invisível e uma tentativa de aprender a partir da arte introduz o tema e o conflito principais da exposição.

Nas salas mais pequenas à esquerda de quem entra, encontramos uma série de obras artísticas diretamente relacionadas com a situação social e ambiental do Brasil e da América Latina (**Anna Boghiguan, Nilbar Güreş, Armando Queiroz, Etcétera, Juan Pérez Aguirregoikoa**). Os trabalhos que aqui se veem são na maioria encomendas novas que reagem à agitação num país que intensifica a exploração dos seus recursos naturais ao mesmo tempo que tenta continuar a controlar uma sociedade menos disposta servir, de forma humilde e silenciosa, a sua elite. Através dessas obras, ouvem-se algumas das vozes dos oprimidos e marginalizados a tornarem-se visíveis.

Esse tema prossegue na primeira sala grande, enfatizando-se agora mais diretamente o conflito social e a violência da

situação, bem como as consequências para diferentes grupos da sociedade, bem como algumas das diferentes formas de resistência que têm emergido (**Gabriel Mascaro, Clara Ianni, Voluspa Jarpa, Johanna Calle, Juan Carlos Romero, Wilhelm Sasnal**). A segunda sala maior do andar superior foca a própria cidade de São Paulo, enquanto metáfora das megacidades modernistas em geral, com a sua alienação e os seus belos momentos de intensa intimidade (**Tony Chakar, Ana Lira, Bruno Pacheco, Mark Lewis, Virginia de Medeiros, Chto Delat**).

No piso inferior, a capacidade da abstração e das sombras para contarem histórias de deslocalização geográfica e desejo político é reforçada, enquanto a exposição termina com um singular trabalho em vídeo que combina fantasia, fervor religioso e destruição numa só obra (**Walid Raad, Edward Krasinski, Wilhelm Sasnal, Danica Dakić, Yael Bartana**).

NOTAS SOBRE ALGUMAS OBRAS

Éder Oliveira

Sem título, 2015

Sediado em Belém, Pará, Brasil, Éder Oliveira (1983, Nova Timboteua, Brasil) realiza imagens do seu meio imediato. Os rostos na parede são tirados de suplementos sensacionalistas dedicados ao crime distribuídos na sua cidade. São um dos raros reconhecimentos públicos de grande parte da população da cidade – jovens de uma mistura de etnias, pobres, marginalizados apanhados pelo sistema criminal. De início, Oliveira pintou essas imagens monumentais nas paredes da cidade onde vive. O paradoxo entre as suas

dimensões heroicas e o seu anonimato era impressionante. Hoje, entraram nos espaços artísticos como visitantes que tanto perturbam como celebram, uma vez na vida, a sua própria existência.

Qiu Zhijie

Maps [Mapas], 2015

Em *Maps*, Qiu Zhijie (1969, Zhangzhou, China) alia a história e as técnicas da cartografia à antiga tradição chinesa de elaborar mapas de lugares imaginários para criar topografias da vida e de ideias contemporâneas, do religioso ao político.

Grupo Contrafilé, Sandi Hilal & Alessandro Petti

Mujawara (em árabe “Relação de vizinhança”) da Árvore-Escola, 2014-15

Grupo Contrafilé (2000, Brasil), Sandi Hilal (1973, Beit Sahour, Palestina) e Alessandro Petti (1973, Pescara, Itália) combinaram as suas experiências da terra e da utilização da terra no Brasil e na Palestina. Produziram uma obra conjunta inspirada na história da coletividade nas comunidades marginalizadas do Brasil com a noção árabe de “mujawara” (“vizinhança”) como meio de educação libertária, descolonizadora. Para a Bienal, uma nova mujawara foi criado a sul de Baía, entre refugiados palestinos, quilombolas, investigadores, artistas, indígenas e membros do Movimento Sem Terra (MST). A árvore e a reunião à sua sombra tornaram-se o símbolo dos encontros e isso sugeriu a reunião sob a árvore que aqui vemos. O Programa no Tempo desenrolar-se-á aqui, onde noutros momentos um livro elegante poderá ser encontrado por baixo da árvore, contando histórias do projeto original para crianças e adultos.

Graziela Kunsch e Lilian L'Abbate Kelian
Revista Urbânia 5

Além de realizar o curso Autoformação de educadores junto a educadores da 31ª Bienal, a artista Graziela Kunsch e a educadora Lilian L'Abbate Kelian desenvolveram a 5ª edição da revista Urbânia focada em práticas de educação para a autonomia. Os conteúdos da revista são organizados em oito seções: Contraescolas; Currículo escondido ou Pelas frestas dos portões; Somos todas diferentes; Outra universidade; Contraespaços de aprendizado; Onde foi parar a brincadeira livre?; Educar é não caber; e Mediação institucional e mediação extra-institucional. Na base deste projeto editorial está a noção de educação democrática, que reúne experiências educativas formais e “desobedientes”, estruturadas como invenções coletivas que instituem seus próprios mecanismos, conceitos e valores e cuja finalidade é a construção cooperativa do conhecimento.

Anna Boghiguan
Cities by the River [Cidades à beira-rio],
2014

Anna Boghiguan é uma observadora nômada do mundo, cujo trabalho resulta em relatos poéticos da respectiva condição. Para *Cities by the River*, desenhou e pintou em pequenos cafés no centro de cidades ribeirinhas e ao longo das margens do Nilo, do Ganges e do Amazonas.

Nilbar Güreş
TrabZONE and other works [TrabZONE e
outras obras], 2014

A obra de Nilbar Güreş (1977, Istambul, Turquia) é um híbrido de inspirações da Turquia e do Brasil. A série de fotografias

TrabZONE, da qual só uma parte é mostrada, retrata situações levemente cômicas que a artista recria, umas a partir das suas memórias da infância, outras tiradas da sua própria imaginação. Brincando, as fotografias trazem à superfície códigos repressivos relacionados com as mulheres e que continuam em vigor em Trabzon, cidade onde parte da família curda da artista ainda vive. Uma série de esculturas mistura motivos turcos, curdos e brasileiros, recorrendo à “delicadeza feminina” do bordado e do pano para propor um jogo de ocultamento e revelação onde o erotismo é mostrado como uma ferramenta no combate aos preconceitos e aos crimes perpetrados contra a liberdade sexual, e outras liberdades sociais, em diferentes geografias.

Armando Queiroz, Almiros Martins & Marcelo Rodrigues
Ymá Nhandehetama [Antigamente
fomos muitos], 2009

Almiros Martins é um índio guarani natural de Belém, no Norte do Brasil. Com a colaboração de Marcelo Rodrigues e o artista e escritor Armando Queiroz (1968, Belém, Brasil) produziu o vídeo *Ymá Nhandehetama* – que em guarani significa “antigamente fomos muitos”. Os três estão envolvidos na história da exploração e do racismo no contexto do Amazonas. A negação é uma estratégia essencial na obra destes artistas, bem como a representação da vida cultural dos marginalizados e esquecidos da região.

Juan Pérez Agirregoikoa
Letra morta, 2014

Com *Letra morta*, Juan Pérez Agirregoikoa (1963, Donostia, San Sebastián) fez um filme baseado na

obra de Pier Paolo Pasolini *O Evangelho Segundo S. Mateus*, de 1964, rodado nos arredores de São Paulo. Embora o novo filme mantenha alguns dos elementos formais e estéticos do original, o guião foi reescrito de modo a focar alguns versos bíblicos que o realizador italiano ignorara. Essas passagens – por exemplo, a parábola em que o investidor bem-sucedido é recompensado e o fracasso empresarial é punido – são, para o modo de pensar de Pérez Agirregoikoa, fundamentais para o suporte discursivo do capitalismo ocidental.

Etcétera e León Ferrari

ERRAR DE DEUS. Diálogo “Palabras Ajenas” [Palavras alheias] de León Ferrari, 2014

Etcétera (1997, Buenos Aires, Argentina) criaram uma nova instalação usando a obra do desaparecido León Ferrari (1920–2013, Buenos Aires, Argentina) como inspiração. Ambos são de Buenos Aires e Ferrari foi uma influência forte no desenvolvimento do grupo. Aqui, *Petition to Abolish Hell* [Petição para abolir o inferno] de Ferrari é reunida com o texto de uma peça feita a partir de discursos políticos proferidos através dos séculos e uma série das suas esculturas de inspiração cristã. Sobre a obra paira uma paisagem global distópica que observa em silêncio as lutas da humanidade com deuses e ideologias.

Gabriel Mascaro

Não é sobre sapatos, 2014

Para *Não é sobre sapatos*, Gabriel Mascaro (1983, Recife, Brasil) localizou filmes realizados durante a explosão de protestos em diversas cidades brasileiras no período 2013–14. Tal como noutros países, os rebeldes divulgavam as suas ações através das redes sociais, registando a sua presença

enquanto corpo coletivo com as suas câmaras. Ao mesmo tempo, foram registadas imagens pela polícia, invertendo a celebração do protesto e usando-a como prova de acusação. Ao lado do filme, um documento da polícia dá instruções aos espões infiltrados em grupos de intelectuais dissidentes. Talvez tivessem piada, se não fossem conselhos verdadeiros a agentes do Estado.

Clara Ianni e Débora Maria da Silva Apelo, 2014

Apelo emerge da necessidade urgente de falar da institucionalização histórica da violência em curso no Brasil. Filmado no cemitério Dom Bosco, no limite exterior de São Paulo, *Apelo* associa os atos de violência atuais aos do passado através de um discurso. O cemitério foi fundado em 1971 para sepultar vítimas do regime, na maioria aniquiladas pelo Estado. A oradora e coautora é Débora Maria da Silva, cujo filho foi assassinado em 2006 por violentas brigadas de morte policiais. Hoje, o cemitério continua a ser usado para as muitas novas vítimas da polícia e das guerras entre gangues nas favelas de São Paulo. Da Silva dirige atualmente o movimento Mães de Maio que exige que se investiguem as mortes dos seus filhos e se faça justiça.

Voluspa Jarpa

Histórias de aprendizagem, 2014

Histórias de aprendizagem é uma instalação labiríntica que compreende, por um lado, documentos da CIA sobre a última ditadura brasileira (1964–85) desclassificados há uns anos pelo governo dos EUA e, por outro, documentos dos serviços secretos brasileiros sobre os mandatos de Getúlio Vargas (1951–54) e João Goulart (1961–64). A obra inclui ainda documentos sobre o exílio deste último no Uruguai até ao seu alegado assassinio na Argentina

em 1976, investigação integrada na Operação Condor, um plano coordenado entre as ditaduras do Cone Sul. Voluspa Jarpa (1971, Rancagua, Chile) criou muitas obras baseadas em arquivos desclassificados pelos EUA relativos ao Chile e a outros países latino-americanos. Em todos os casos, a artista analisa o que foi apagado e chama a atenção para a imagem do documento, uma imagem que se prende com a construção de visibilidades e o potencial poético e político do arquivo, sempre a ensombrar o presente.

Wilhelm Sasnal **Black Back, 2012**

A pintura *Black Back* é uma imagem monumental mas intrigante. Os músculos tensos, distendidos, parecem antecipar maus tratos, coisa que os corpos negros muitas vezes experimentaram como um ritual de humilhação e escravatura. Ao mesmo tempo, é uma imagem de força e também um gesto de recusa, virando as costas à exposição numa atitude de rejeição do que aqui é mostrado.

Juan Carlos Romero **Violencia, 1973-77**

Violencia é uma instalação originalmente criada em 1973, numa época de crise institucional, ideológica e social profunda na Argentina. Durante esse período o país viveu sob o jugo militar e, com o presidente Perón prestes a regressar de um longo exílio, multiplicaram-se os debates sobre a formação de um governo nacional popular, o perfil de uma nova esquerda e a necessidade de luta armada. *Violencia* sumariza todas essas questões e condensa todas as áreas de atividade do artista. O resultado é uma simples marca visual que serve de fundo

a um arquivo de imagens de imprensa sobre o conflito social de então. A observação de Juan Carlos Romero (1931, Avellaneda, Argentina) sobre o poder extremo tanto da mudança como da opressão ainda hoje parece válida no contexto da América Latina contemporânea e de muitas regiões do mundo.

Tony Chakar **On Other Worlds That Are On This One** **[Sobre outros mundos que estão neste], 2014**

Arquiteto de formação, Tony Chakar (1968, Beirute, Líbano) tira fotografias que em geral não se centram em pessoas mas sim na cidade e no meio ambiente. Contudo, quando as tratamos em computador, um programa de reconhecimento facial é ativado e promove desconhecidos a temas de imagens. Frequentemente, o que o software identifica nem sequer são rostos, mas sim traços aleatórios, descobrindo sozinho o “humano” no digital sem que fosse essa a intenção do fotógrafo. Chakar interessa-se por essa tradução incorreta do físico para um mundo hipertecnológico onde erros dessa natureza acontecem fatalmente, a fim de anular a lógica hiper-racional do *continuum* espaciotemporal digital. O artista acrescenta textos poéticos às imagens como forma de responder ao computador – encontrando desse modo a sua própria forma de tradução incorreta, na qual uma falha no nosso mundo pode abrir uma perspectiva nova sobre um outro.

Ana Lira **Voto!, 2012**

Após as eleições municipais de 2012 no Recife, Ana Lira (1977, Caruaru, Brasil) começou a documentar materiais de campanha obsoletos abandonados por

candidatos e de que a população se apropriou através de intervenções anónimas. Por ação da passagem do tempo, as cores erodem a eloquência dos *slogans* e rasgar parte dos cartazes ou cobri-los com grafitos criou uma camada de informação crítica. Isso permitiu ao ponto de vista dos cidadãos ter visibilidade apesar da profunda crise de representação política no Brasil e no mundo em geral. Os resultados do estudo de Lira foram editados e tratados em combinações de rostos e depoimentos rasgados e descolorados, descobrindo um valor estético na decomposição da imagem e oferecendo-nos uma oportunidade de olharmos para trás da máscara e descobrirmos sozinhos quaisquer verdades que possam ser assim reveladas.

Bruno Pacheco

Ponto de encontro, 2014

As telas de Bruno Pacheco (1974, Lisboa, Portugal) exploram a formação de coletivos e os seus diferentes modos de funcionamento. Nas imagens, aglomerações de pessoas ocupam toda a tela no que parece estar alures entre o protesto, a *rave* e a reunião social. No contexto da instabilidade económica e sociopolítica do século XXI, a ação coletiva pode ser ao mesmo tempo prometedora e ameaçadora; no entanto, apelar á aglomeração parece ser universal nos seres humanos. Na qualidade de observadores de fora, porém, não somos capazes de dizer o que mobilizou esses coletivos, nem se eles existem por si só ou para impressionar os outros.

Mark Lewis

Above and Below the Minhocão [Por cima e por baixo do Minhocão], 2014

Above and Below the Minhocão é um

filme de 11 minutos que documenta a história imaginária da descoberta da tecnologia da imagem em movimento no nosso momento contemporâneo. A câmara desempenha, portanto, um papel ingénuo mas o ator inteligente busca os limites da sua capacidade enquanto segue com curiosidade as atividades deste invulgar troço pedonal de autoestrada em São Paulo. Encontra beleza e consolo neste exemplo supremo de cidade modernista, cidade que hoje quase não consegue lidar com a realidade contemporânea.

Virginia de Medeiros

Sergio e Simone, 2007-14

Em 2006, Virginia de Medeiros (1973, Feira de Santana, Brasil) conheceu Simone, um travesti que vivia em Ladeira da Montanha, uma das zonas mais degradadas da cidade de Salvador. Medeiros começou a registar em vídeo aspetos do dia-a-dia de Simone. Cerca de um mês depois, Simone sofreu uma convulsão devido ao consumo de crack, seguida de um delírio místico no qual encontrou Deus. Após esse incidente, em que “morreu de overdose”, Simone retomou o nome “Sergio” e iniciou a sua missão religiosa. Sergio narra para a câmara a história da sua transformação e da sua nova identidade. Oito anos mais tarde, em 2014, de Medeiros restabeleceu contacto com Sergio que, durante uma breve recaída, se tornou pai-de-santo, representante da religião candomblé, criando a sua própria casa de devoção onde assume ambas as identidades, Sergio e Simone. O filme com som de 3 canais reflete o processo constante de transformação física e espiritual no cenário de uma cidade única, sugerindo sempre a dificuldade de configurar uma outra existência numa sociedade binária que exige que sejamos ou uma coisa ou outra.

Chto Delat?

The Excluded. In a Moment of Danger
[Os excluídos. Num momento de perigo],
2014-15

O coletivo artístico Chto Delat? [O que fazer?] explora o tema fértil da prisão e apresenta-o como a chave para uma série de momentos históricos de grande tensão, quando estavam em jogo visões concorrentes do mundo. O filme centra-se na prisão como lugar de disciplina e isolamento da sociedade – simultaneamente um castigo para quem procedeu mal e uma lixeira onde despejar os que não se enquadram num determinado consenso social. Trabalhando com atores não profissionais, o filme com som de 4 canais combina momentos teatrais com imagens da vida quotidiana na Rússia. Colocando questões acerca da natureza geral da resistência, da repressão e do desacordo, o filme é a mais recente obra dramática de uma série que utiliza a canção e o movimento para falar de dilemas contemporâneos.

Walid Raad

Letters to the Reader [Cartas ao leitor],
2014

Letters to the Reader faz parte do projeto artístico em curso *Scratching on Things I Could Disavow*, iniciado em 2007 e que reage à recente emergência de grandes infraestruturas novas destinadas à arte “islâmica” contemporânea e a arte “árabe” moderna. A obra consiste numa série de amostras de paredes prefabricadas para um novo museu de arte árabe moderna em São Paulo – ou podia ser também para Amã, ou Doha, ou Abu Dhabi, ou Beirute, ou Marraquexe, Hong Kong ou Nova Iorque. A obra é conduzida pela convicção de que muitas chamadas “obras de arte árabes modernas” não terão sombras quando expostas no novo

museu. Antecipando essa situação, o projeto procura acautelar essa condição de ausência de sombra sugerindo possíveis antídotos naturais e lidando com os resultados alucinatórios.

Edward Krasiński

Edward Krasiński (1925, Luck – 2004, Varsóvia, Polónia) passou em Varsóvia a maior parte da vida e a sua obra sempre reagiu à sua situação imediata. Como artista, Krasiński usou continuamente a representação e a performance para fugir ao peso da sua situação, quer no seu compromisso com a arte e a sua materialidade, quer na sua relação com as autoridades. Fascinado com o potencial uso incorreto de objetos quotidianos, procurou transformá-los em configurações mágicas dando-lhes uma presença quase mística. Essas obras históricas respondem à estética da época, no entanto o seu aspeto lúdico continua hoje a ter uma ressonância expressiva. Há aqui uma relação íntima com a obra de Walid Raad, onde as diferentes histórias aplicam ou removem as sombras das obras de arte. As fotografias encenadas do artista com as suas esculturas são, na maioria, dos anos 1960 e foram tiradas pelo seu amigo e colaborador Eustachy Kossakowski.

Johanna Calle

Contáveis (da série “Imponderáveis”),
2008

A sequência de desenhos *Imponderables* consiste em grelhas desmembradas ou interrompidas que nos evocam diversas estruturas do dia-a-dia, como grelhas urbanas, gradeamentos ou grades numa janela. Contudo, o ponto de partida para estes desenhos encontra-se noutro lado: Johanna Calle (1965, Bogotá, Colômbia)

reproduz com arame as estruturas semelhantes a grelhas dos livros de contabilidade e depois transfere-as para cartão. Graças a esse simples ato de descontextualização, as ressonâncias icônicas e simbólicas da grelha são multiplicadas, mas o fundo literal é mantido: uma vez a grelha contábilística distorcida, o mesmo sucede aos números que contém e, por extensão metafórica, à ordem econômica que tanto o pequeno lojista como as grandes multinacionais se esforçam por manter sob controle.

Danica Dakić
Céu, 2014

Para *Céu*, o ponto de partida de Danica Dakić (1962, Sarajevo, Bósnia Herzegovina) é o delicado edifício arte nova de uma escola italiana tradicional no bairro de emigrantes Bom Retiro, em São Paulo. A arquitetura de estilo europeu numa moderna metrópole sul-americana impressionou Dakić enquanto lugar que encerra uma memória esquecida e uma continuidade que falta na Europa. O filme tem por título o nome do último quadrado no jogo da macaca e regressa a essa ideia de “céu” não só enquanto quadrado pintado no chão ou o outro mundo, mas também lugar para as crianças inventarem, entre o sonho e o trauma.

Wilhelm Sasnal
Christopher Columbus [Cristóvão Colombo], 2014

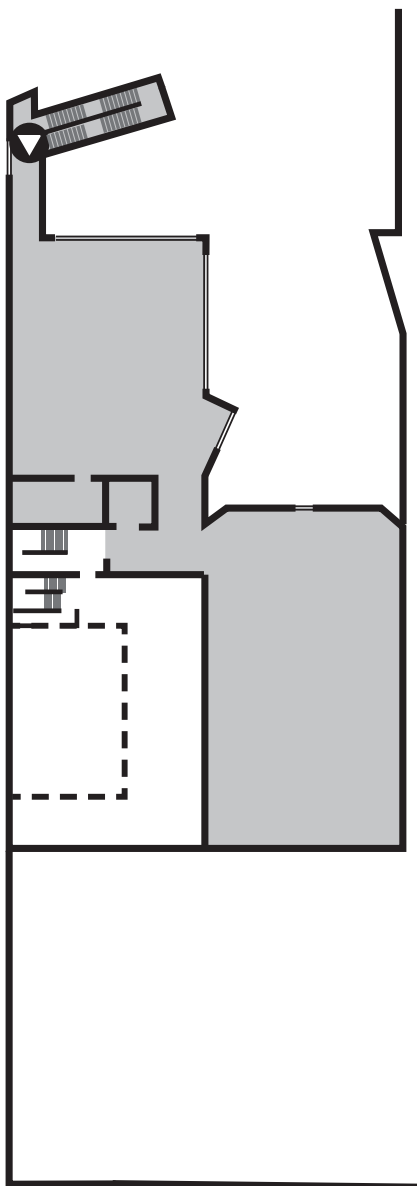
Esta pintura reflete sobre o colonialismo americano na forma do memorial fúnebre a Colombo na catedral de Sevilha. Retirada do seu cenário sagrado e desprovido de toda a ornamentação, esta homenagem a um homem que “descobriu” a América como que ganha vida. Os

portadores do féretro parecem transportar mais uma vez o peso do seu legado e as cores flamejantes sugerem tanto celebração como orgulho, além da possibilidade de um destino demoníaco. Como sucede em grande parte da obra de Wilhelm Sasnal (1972, Tarnów, Polónia), essa ambivalência continua por resolver.

Yael Bartana
Inferno, 2013

Em *Inferno*, Yael Bartana (1970, Afula, Israel) filma a inauguração de um grande templo, seguida da sua imediata destruição e do culto das suas ruínas. O ponto de partida é a construção de uma réplica do templo de Salomão em São Paulo pela Igreja Universal do Reino de Deus, usando pedras importadas de Israel. Invertendo o percurso tradicional dos peregrinos, a igreja pretende levar literalmente parte da “Terra Santa” para a cidade de São Paulo, como uma maneira de recuperar a fé em grandes cidades caracterizadas pela sua secularidade. O primeiro templo foi construído por Salomão em Jerusalém e destruído em 584 a.C. O segundo templo foi erguido no mesmo local no ano 64 da era cristã e também posteriormente demolido. Muitos evangélicos defendem a construção de um terceiro templo que creem poder apressar a vinda do Messias. Naquilo a que chama “pré-representar”, a artista documenta, entre o esquecimento e a celebração de um passado fantasiado, o modo como a história é escrita e as religiões são criadas.





Piso 1

LISTA DE OBRAS

Edward Krasiński
Eustachy Kossakowski
 Fotografias, 1963–64

Fotografias p/b da performance
 Foto de Eustachy Kossakowski © Hanna Ptaszowska,
 Arquivo do Museu de Arte Moderna em Varsóvia

Edward Krasiński
 Sem título, 1964

Cabo metálico com topos pintados de vermelho e branco
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
 Composição no espaço, 1964

Madeira, pintada a preto e branco, cabo de metal com as
 pontas pintadas de vermelho
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
 Spear [Lança], 1964

8 peças de madeira pintadas a preto, branco e vermelho,
 fios de metal
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
Eustachy Kossakowski
 Spear [Lança], 1964

Fotografias a p/b
 Foto de Eustachy Kossakowski © Hanna Ptaszowska,
 Arquivo do Museu de Arte Moderna em Varsóvia

Edward Krasiński

Composition in Space [Composição no espaço], 1964
 Madeira pintada a preto e vermelho e fios de metal
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
 Object in Space [Objeto no espaço], 1964–65

8 peças de madeira pintadas de preto, branco e vermelho,
 cabo metálico
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
 Sem título, 1965

Placa de madeira pintada de preto, cor-de-rosa e vermelho,
 cabo metálico
 Cortesia Paulina Krasińska e Foksal Gallery Foundation,
 Varsóvia

Edward Krasiński
Eustachy Kossakowski

Intervention 4, Zig-Zag, Studio Warsaw [Intervenção 4,
 zigue-zague, estúdio Varsóvia], 1969
 Fotografias p/b
 Foto de Eustachy Kossakowski © Hanna Ptaszowska,
 Arquivo do Museu de Arte Moderna em Varsóvia

Edward Krasiński
Eustachy Kossakowski
 J'ai perdu la fin!!! [Perdi o fim!!!], 1969

Fotografias p/b
 Foto de Eustachy Kossakowski © Hanna Ptaszowska,
 Arquivo do Museu de Arte Moderna em Varsóvia

Edward Krasinski**Eustachy Kossakowski**

[Intervention 4, Ziq-Zaq, Foksal Gallery] **Intervenção 4, zigue-zague**, Foksal Gallery, 1969
Fotografia p/b

Foto de Eustachy Kossakowski © Hanna Ptaszowska,
Arquivo do Museu de Arte Moderna em Varsóvia

Juan Carlos Romero**Violência, 1973–77**

Impressão tipográfica sobre papel e impressão digital,
reprodução de artigos de jornal e pilha de cartazes para
distribuição (impressões digitais)

Col. do artista

Cildo Meireles**Zero Dollar Zero Cent, 1974/78**

Notas, moedas

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Doação do artista em 2000

León Ferrari**A última ceia, 2000**

Cerâmica, sertã

Col. Família Ferrari

León Ferrari**Inferno, 2000**

Imagem de uma Santa (Virgem Maria) e ralador

Col. Família Ferrari

León Ferrari**L'Osservatore Romano, 2001**

Impressões digitais sobre papel

Col. Família Ferrari

Wilhelm Sasnal**Black Olympics, 2001/12**

Óleo sobre tela

Cortesia do artista e Foksal Gallery Foundation, Varsóvia

León Ferrari**Declaração dos Direitos do Homem, 2003**

Biberão e fotocópia

Col. Família Ferrari

León Ferrari**Espetador com imagem de Bush, 2003**

Col. Família Ferrari

León Ferrari**Sem título, 2003**

Objeto com brinquedo, roda e cruz

Col. Família Ferrari

León Ferrari**Sem título, 2005**

Plástico e metal

Col. Família Ferrari

Nilbar Güres**Self-Defloration [Autodefloreação], 2006**

Técnica mista sobre tecido

Cortesia da artista, Rampa, Istambul e Galerie Martin

Janda, Viena

León Ferrari**Jesus em guerra, 2007**

Plástico

Col. Família Ferrari

Virgínia de Medeiros**Sergio e Simone, 2007–14**

Vídeo, HD, projeção tripla, 10'

Cortesia da artista

Johanna Calle**Contáveis (da série “Imponderáveis”), 2008**

Malha de arame e cobre sobre papel

Col. da artista

Armando Queiroz

Almires Martins

Marcelo Rodrigues

Ymá Nhandehetama [Antigamente fomos muitos], 2009

Vídeo, som, cor, 8'20''

Col. dos artistas

Agnieszka Piksa

It's Just the Spin of Inner Life [É apenas o vértice do mundo interior], 2011–14

Livro impresso

Publicado por: culture.pl

Wilhelm Sasnal**Black Back, 2012**

Óleo sobre tela

Cortesia do artista e Foksal Gallery Foundation, Varsóvia

Ana Lira**Voto!, 2012**

Fotografias digitais impressas sobre papel

Col. da artista

Johanna Calle**Perímetros II (Troncos), 2012**

Texto datilografado sobre livro de registos antigo

Col. da artista

Yael Bartana**Waiting for the Messiah [À espera do Messias], 2013**

Pigmento sobre papel

Col. da artista

Yael Bartana**Inferno, 2013**

Vídeo monocal, 18'7'' (loop), cor, som

Cortesia Petzel Gallery, Nova Iorque, Annet Gelink Gallery,

Amsterdão e Sommer Contemporary Art, Telavive

Graziela Kunsch

Lilian L'Abbate Kelian

Revista Urbânia 5, 2014

Revista impressa

Cortesia das artistas

Voluspa Jarpa**Histórias de aprendizagem, 2014**

Placas de acrílico recortadas

Col. da artista

Cortesia Galeria Isabel Aninat, Santiago do Chile

Clara Ianni**Débora Maria da Silva****Apelo, 2014**

Vídeo, cor, som, 13'39''

Col. das artistas

Gabriel Mascaro

Não é sobre sapatos, 2014
Fotografia e vídeo, loop, 13'
Col. do artista

Bruno Pacheco

Ponto de encontro, 2014
Óleo sobre tela
Cortesia do artista, Hollybush Gardens, Londres e Galeria Filomena Soares, Lisboa

Nilbar Güreş

Rose of the big shoe [Rosa do sapatão], 2014
Arame, fita, barro de modelar, sapato de homem nº 41, objeto cerâmico e pedestal
Cortesia da artista, Rampa, Istambul e Galerie Martin Janda, Viena

Nilbar Güreş

Promising Hands [Mãos que prometem], 2014
Estrutura metálica, fibras, tecido, anel de compromisso de bambu, algodão Cortesia da artista, Rampa, Istambul e Galerie Martin Janda, Viena

Nilbar Güreş

Escaping cactus [Catos em fuga], 2014
Objeto em tecido com estrutura de metal, fibras, tecido, vaso de cerâmica, cinto e terra
Cortesia da artista, Rampa, Istambul e Galerie Martin Janda, Viena

Nilbar Güreş

Wildness [Bravia], 2014
Maqueta em acaia, palmeira, fotografia
Cortesia da artista, Rampa, Istambul e Galerie Martin Janda, Viena

Danica Dakić

Céu, 2014
Vídeo, som, cor, 10'53"
Cortesia da artista e Gandy Gallery, Bratislava

Mark Lewis

Above and Below the Minhocão [Acima e abaixo do Minhocão], 2014
Vídeo 5 k transferido para 2 k, 11'14"
Cortesia do artista e Daniel Faria Gallery, Toronto

Walid Raad

Letters to the Reader (1864, 1877, 1916, 1923), from the series 'Untitled, Walls' [Cartas ao leitor (1864, 1877, 1916, 1923), da série "Sem título, Muros"], 2014
Placas de madeira recortadas e pintadas
Cortesia Sfeir-Semler Gallery Hamburgo e Beirute

Juan Pérez Agirreigoikoa

Letra morta, 2014
Vídeo, som, preto e branco, 27'
Cortesia do artista

Etcétera**León Ferrari**

ERRAR DE DEUS. Diálogo "Palabras Ajenas" [Palavras alheias] de León Ferrari, 2014
Instalação participativa
Um projeto de Etcétera
Textos de Franco 'Bifo' Berardi, Loreto Garín Guzmán e Federico Zuckerfeld
Conceção gráfica Hernán Cardinale
Capas Federico Cimatti
Arquitetura Antoine Silvestre

Desenvolvimento tecnológico Facundo Suasnabar, Fernando Nicolosi, com o apoio de Muntref/UNTREF Vozes Cleyton Vieira, Carolina Furlan
Agradecimentos Fundación Augusto y León Ferrari

Bruno Pacheco

Ponto de encontro, 2014
Óleo sobre tela
Cortesia do artista, Hollybush Gardens, Londres e Galeria Filomena Soares, Lisboa

Tony Chakar

Of Other Worlds that Are In this One [Sobre outros mundos que estão neste], 2014
Impressões fotográficas sobre alumínio, texto em vinil autocolante
Col. do artista

Wilhelm Sasnal

Columbus [Colombo], 2014
Óleo sobre tela
Cortesia do artista e Foksal Gallery Foundation, Varsóvia

Anna Boghiguan

Cities by the River [Cidades à beira rio], 2014
Técnica mista sobre papel
Col. da artista

Chito Delat

The Excluded. In a Moment of Danger [Os excluídos. Num momento de perigo], 2014–15
Pintura sobre parede, vídeo, som, cor, 60'
Col. dos artistas

Contrafilé**Sandi Hilal e Alessandro Petti**

Mujawara (em árabe "relação de vizinhança") da Árvore-Escola, 2014–15
Árvore e bancos de madeira
Col. dos artistas

Qiu Zhijie

Maps [Mapas], 2015
Papel de arroz Xuan semitransparente
Col. do artista

Éder Oliveira

Sem título, 2015
Intervenção urbana, pintura mural
Col. do artista

León Ferrari

Sem título (Inferno financeiro, da série "Errar de Deus"), c. 2000
Frasco com fósforos e cerâmica
Col. Família Ferrari

León Ferrari

Sem título, c. 2004
Objeto, brinquedo, roda, cruz
Col. Família Ferrari

León Ferrari

Sem título, n.d.
Garrafa de plástico com fósforo e imagem de Jesus
Col. Família Ferrari

León Ferrari

Sem título, n.d.
Ratoeira, fotografia de Videla
Col. Família Ferrari

PROGRAMA NO TEMPO

A apresentação de “Como (...) coisas que não existem” no Museu de Arte Contemporânea de Serralves integra o **Programa no Tempo**, uma série de discussões especialmente comissariadas que decorrerão em três momentos da exposição. Esse programa baseia-se na investigação exaustiva levada a cabo pelos curadores da Bienal no Porto e em Lisboa, a qual incluiu encontros com jovens artistas, ativistas e investigadores, bem como visitas a espaços expositivos independentes, universidades e cooperativas artísticas. Abordará os temas importantes que dão forma a este projeto: Da Educação, Colonialismo Invertido e O Direito à Cidade: Criminalização da Pobreza.

A Bienal de São Paulo

Conferência por Fabio Cypriano

02 OUT (Sex), 18h30

Da educação: Arte e educação participativa

03 OUT (Sáb), 14h30

Participantes: Cayo Honorato (Brasil), Graziela Kunsch (Brasil), Alessandro Petti (Itália), Isshaq Al-Barbary (Palestina), Cibele Lucena – Grupo Contrafilé (Brasil)

Moderação: Liliana Coutinho (Portugal)

O simpósio “Da Educação: Arte e educação participativa” começará com uma exploração das estratégias do programa de educação e mediação da 31ª Bienal de São Paulo e daí passará para questões mais amplas do ensino da arte. A educação no seio de uma megaexposição com uma base de visitantes enorme, exige diferentes tipos de abordagens, mas não obstante procura proporcionar às pessoas encontros significativos com a arte e a exposição. O simpósio tentará analisar o êxito de diferentes estratégias educativas em termos de compromisso e experimentação. Em particular, a educação será discutida à luz da tradição complexa e pluralista da educação radical, incluindo os diversos legados de Paulo Freire, Ivan Illich e Henry Giroux.

É possível as bienais e/ou os museus aprenderem com esta tradição de educação radical que é anti-hierárquica, politicamente empenhada e participativa? Dado que as suas intenções estão intimamente ligadas às lutas dos pobres e indefesos por igualdade e direitos, como podem as instituições artísticas forjar os seus programas de modo a levarem em conta o seu potencial? Como pode a sua crítica da prática educativa tradicional ser levada a cabo em programas de exposições artísticas? O simpósio examinará o programa educativo regular desenvolvido pela Fundação Bienal de São Paulo e outras estratégias desenvolvidas por artistas e curadores participantes que procuraram diferentes maneiras de abordar comunidades e culturas urbanas.

Colonialismo invertido

31 OUT (SÁB), 15h00

Participantes: José Neves (Portugal), Lígia Afonso (Portugal), Manuela Ribeiro Sanches (Portugal), Filipa César (Portugal)

Moderação: Marta Lança (Portugal)

A crise económica em Portugal enviou os portugueses para as praias de antigas colónias em busca de emprego, como é evidenciado numa quantidade de artigos publicados nos últimos anos na imprensa internacional. Ao mesmo tempo, os investimentos de países como Brasil e Angola são cada vez mais importantes para a economia portuguesa. Uma expressão comum entre os portugueses é “500 anos depois, estamos a ser colonizados por eles”, numa referência a esses investimentos na economia portuguesa. Embora seja verdade que os ricos e politicamente poderosos angolanos estão a comprar parcelas de empresas portuguesas, isso não tem comparação possível com a colonização. Os angolanos não estão, por exemplo, a criar colónias em Portugal, nem a alterar a natureza e o caráter das instituições educativas, governamentais e culturais locais.

Considerar um “colonialismo invertido” significa transferir o centro da atenção de Portugal ou da Europa para duas ex-colónias, Angola e Brasil. Nesse processo, as necessidades e as histórias de Angola e do Brasil precisam de

ser examinadas pelo menos na mesma medida que o declínio económico de Portugal. Essas duas colónias foram sem dúvida a jóia da coroa imperial portuguesa e as relações delas com Portugal nunca foram francamente económicas. Durante centenas de anos Portugal pode ter explorado as antigas colónias através do negócio da escravatura, mas também investiu a sua identidade e as suas fantasias nesses lugares. O simpósio olhará para os entendimentos artísticos contemporâneos da relação colonial, ao nível da produção artística e do desenvolvimento institucional.

Direito à cidade: Criminalização da pobreza

12 DEZ (Sáb), 15h00

Participantes: Carolina Christoph Grillo (Brasil), José António Pinto (Portugal), Raquel Rolnik (Brasil), Luís Fernandes (Portugal)

Moderação: Amarante Abramovici (Portugal)

Este simpósio será o terceiro da série "Direito à cidade" que teve início durante a 31ª Bienal de São Paulo. "Direito à cidade" prosseguirá a sua investigação sobre a linguagem hostil e a gestão militarizada dos espaços urbanos, visíveis hoje por toda a parte nas cidades globalizadas. Irá debater os significados e efeitos da lógica de segurança que rege a gestão das cidades e dos seus espaços, populações, costumes e movimentos. Se é verdade que a evidência abunda, os nexos que articulam o governo da segurança, o governo dos espaços urbanos e as estratégias de privatização do espaço público continuam a ser entendidos como estratégias de poder, violência e produção de mercados.

Em Serralves, o objetivo do projeto é discutir as conexões entre o desenvolvimento urbano e os direitos dos cidadãos no Brasil e em Portugal. Analisaremos a atual política de controlo de multidões no que diz respeito à criminalização dos pobres e à militarização da polícia em cidades portuguesas e brasileiras. O simpósio reúne artistas, ativistas e académicos de Portugal e do Brasil.

VISITAS GUIADAS

Por Charles Esche e Galit Eilat

Curadores da exposição

03 OUT (Sáb), 18h30

Por Paulo Jesus

Serviço Educativo do Museu

11 OUT (Dom), 12h00

Por Ricardo Nicolau

Curador do Museu de Arte Contemporânea de Serralves

Exclusiva para Amigos de Serralves

29 OUT (Qui), 19h30

Por Raquel Sambade

Serviço Educativo do Museu

08 NOV (Dom), 12h00

EVENTO

Leituras no Museu

Uma parceria com "Leituras no Mosteiro",

Teatro Nacional de São João, Porto

06 DEZ (Dom), 11h00

“Como (...) coisas que não existem – uma exposição desenvolvida a partir da 31ª Bienal de São Paulo” é comissariada por Charles Esche, Galit Eilat e Oren Sagiv, com o apoio dos curadores de Serralves Ricardo Nicolau e Paula Fernandes, e organizada pela Fundação Bienal de São Paulo em colaboração com o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto. Em São Paulo, a exposição foi adicionalmente comissariada por Nuria Enguita Mayo, Pablo Lafuente com Benjamin Serrousi e Luiza Proença.

Coordenação: Paula Fernandes

Registrar: Inês Venade

Equipa de montagem: João Brites, Ricardo Dias, Ruben Freitas, Carlos Lopes, Luís Magalhães, Adelino Pontes, Lázaro Silva

Vídeo: Ana Amorim, Carla Pinto

Som: Nuno Aragão

Luz: Rui Barbosa

PROGRAMA NO TEMPO

Conceção do programa: Líliliana Coutinho, Charles Esche, Galit Eilat, Ricardo Nicolau

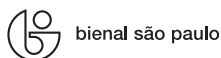
Coordenadora do Serviço Educativo: Denise Pollini

Produção: Diana Cruz, Cristina Lapa

Apoio institucional



Coorganizador



Media partner



Apoio

Ministério da
Cultura



Patrocínio



Mecenas Exclusivo do Museu



Seguradora Oficial: Fidelidade – Companhia de Seguros, S.A.

Fundação de Serralves / Rua D. João de Castro, 210. 4150-417 Porto / www.serralves.pt / serralves@serralves.pt / Informações: 808 200 543
PARQUE Entrada pelo Largo D. João III (junto da Escola Francesa)